

**ENTRE DISPÊNDIO IMPRODUTIVO E ECOLOGIA: A ATUALIDADE DE
GEORGES BATAILLE**

**BETWEEN UNPRODUCTIVE EXPENDITURE AND ECOLOGY: THE ACTUALITY
OF GEORGES BATAILLE**

Giovanni Vieira de Carvalho Novelli¹

Resumo: Esse trabalho teve como objetivo constituir uma leitura crítica a respeito do dispêndio improdutivo na obra de Georges Bataille a partir da sua perspectiva da heterologia e como ela funcionaria como fundamento das sociedades arcaicas estudadas e teorizadas por Marcel Mauss. Desse modo, estaremos envolvidos em como essa antifilosofia batailleana atravessa sua obra de forma a dar sustentação para suas teses em direção ao que o autor compreende minimamente por heterogêneo. A partir disso, percebemos que a leitura de Bataille a respeito da dádiva de Marcel Mauss é passível de crítica, nos possibilitando um tensionamento da perspectiva do autor francês uma vez que não existe uma dádiva unilateral e sem retorno, bem como de que o pensador em consideração não levou em consideração questões relativas ao acúmulo de energia que o ser humano foi capaz de sustentar no decorrer da história da civilização no período em que o mesmo teorizou o excesso como fundamento das nossas sociedades capitalistas. Além disso, apresentamos nossas críticas como forma de sustentar a ideia de que não apenas o autor de *História do olho* leu de forma problemática a antropologia mausseana, mas também que a teoria econômica demonstrada em *A noção de dispêndio* e *A parte maldita* é baseada em uma leitura antropológica apressada. Por fim, resumiremos nossas críticas como forma de não apenas ilustrar os tensionamentos e problemas no interior da obra de Bataille como forma de apresentar uma possível ética com consequências socioeconômicas, existenciais e ecológicas, mas também de ressaltar como podemos efetuar uma releitura do autor para o contexto atual da nossa civilização.

Palavras chave: Georges Bataille, Dispêndio, Dádiva, Marcel Mauss, Heterologia.

Abstract: This work aimed to constitute a critical reading about the unproductive expenditure in the work of Georges Bataille from his perspective of heterology and how it would function as a foundation of the archaic societies studied and theorized by Marcel Mauss. In this way, we will be involved in how this bataillean anti-philosophy crosses his work in order to support his theses towards what the author minimally understands as heterogeneous. From this, we realize that Bataille's reading of Marcel

¹ Psicanalista, Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Mestrando em Psicologia Social pela Universidade Estadual de São Paulo (UNESP/Assis) e bolsista CAPES. E-mail: g.novelli@unesp.br. <https://orcid.org/0000-0001-5477-7518>

Mauss's gift is subject to criticism, allowing us to tension the perspective of the French author since there is no unilateral gift without return, as well as that the French thinker did not take into account issues related to the accumulation of energy that human beings were able to sustain throughout the history of civilization in the period in which he theorized excess as the foundation of our capitalist societies. In addition, we present our criticisms as a way of supporting the idea that not only did the author of *Story of eye* read Maussian anthropology in a problematic way, but also that the economic theory demonstrated in *The notion of expenditure* and *The accursed share* is based on a rushed anthropological reading. Finally, we will summarize our criticisms as a way of not only illustrating the tensions and problems within Bataille's work as a way of presenting a possible ethics with socioeconomic, existential and ecological consequences, but also of highlighting how we can carry out a rereading of the author for our current context of civilization.

Keywords: Georges Bataille, Expenditure, Gift, Marcel Mauss, Heterology.

1. Estrutura psicológica da sociedade

Todo o pensamento de Georges Bataille insiste em uma “anti-filosofia da heterologia”². Isso significa dizer que desde o início do seu percurso intelectual, marcado principalmente pela publicação dos artigos *A noção de dispêndio* e *A estrutura psicológica do fascismo*, vimos uma crítica recorrente da homogeneidade do mundo no ato de reduzi-lo a perspectiva de meios e fins. Dessa forma, autor francês deixa explícita a maneira que ele procura criticar a filosofia tradicional de sua época no sentido de evitar um procedimento teórico que fosse totalizante, que não reconhecesse a impossibilidade da apreensão de todo o universo e que se atentasse para que não estivesse submetida ao paradigma utilitário.³ Desta forma, podemos compreender o direcionamento teórico que o autor em questão se orienta, uma vez que, como o próprio Bataille comenta, “toda vez que o sentido de um debate depende do valor fundamental da palavra *útil* (...) é possível afirmar que o debate é necessariamente falseado e que a questão fundamental é eludida” (2014, p.19, grifos do autor). Tal colocação é fundamental no interior de seu projeto teórico, uma vez que o foco do autor francês é principalmente ressaltar o que, aos olhos do senso comum, é visto como inútil e desprovido de qualquer finalidade.

Em sua perspectiva, o processo de racionalização do mundo é pautado por uma visão reducionista à lógica utilitária e que não leva em consideração a subjetividade humana. Para Bataille, esse pensamento pode ser nomeado como uma *homogeneidade* que se caracteriza por

² Tal posicionamento é ressaltado por Araujo (2021, p.48).

³ “Uma Filosofia é sempre um canteiro de obras, nunca uma casa. Mas seu inacabamento não é o mesmo da ciência. A ciência elabora uma multidão de partes acabadas e só o seu conjunto apresenta vazios. **Ao passo que, no esforço de coesão, o inacabamento não se limita às lacunas do pensamento: é em todos os pontos, em cada ponto, a impossibilidade do estado último.**” (BATAILLE, 2017c, p.10, grifos nossos)

ser “a comensurabilidade dos elementos e consciência dessa comensurabilidade” (BATAILLE, 2021, p.238). Isso significa dizer que essa homogeneidade é a quantificação, medição, mensuração dos objetos e, ao mesmo tempo, possuir consciência dessa própria possibilidade. Essa homogeneidade é responsável por estruturar a nossa visão de mundo e nossas relações humanas a partir não apenas da lógica da utilidade e do trabalho, mas também da forma que agimos. Sendo assim, o que no fundo o autor quer insistir é na tese de que o trabalho do ser humano enquanto tentativa de tornar o mundo completamente numerável e útil é algo extremamente poderoso, mas ao mesmo tempo relega o sujeito à servidão (BATAILLE, 2017, p.118). Nesse aspecto, o pensamento homogêneo reduz o mundo à lógica de meios e fins com o objetivo de transformá-lo em mercadoria.⁴ A base dessa categoria de *homogeneidade* é, a partir dessas considerações, o modo de produção capitalista, o qual torna as relações humanas completamente capitalizadas e cifradas a partir do dinheiro. A consequência proveniente dessa homogeneização do social é o ato de tornar as relações sociais funcionais em prol dessa produção, ignorando a subjetividade do indivíduo. Todavia, para Bataille, a classe burguesa é a detentora dos meios de produção e quem é responsável por transformar o mundo em algo homogêneo.

Por outro lado, a categoria do *heterogêneo* se caracteriza principalmente por não possuir propriamente uma finalidade, ser totalmente desprovida de qualquer fim em si mesma e, inclusive, de qualquer satisfação funcional e quantificável. Nesse sentido, o heterogêneo constituiria o cerne de resistência à tendência homogênea sociopsicológica do mundo contemporâneo enquanto uma “*diferença não explicável*” (BATAILLE, 2021, p.243, grifos do autor). Quando nos referimos ao heterogêneo, estamos lidando com objetos ou vivências que escapam às determinações utilitárias da vida cotidiana.⁵ É esse tipo de experiência que Bataille tenta ressaltar como uma sociedade heterogênea poderia existir e representar teoricamente uma resistência à homogeneidade que tende a desintegração do social.⁶ Os

⁴ Se isso estiver correto, significa dizer que as ressonâncias do movimento Surrealista atingiram Bataille, uma vez que o mesmo também é contrário a “mania de reduzir o desconhecido ao conhecido, ao classificável, [pois o mesmo] embala os cérebros.” (BRETON, 1966, p.06)

⁵ “*A ciência do que é completamente outro. O termo agiologia poderia talvez ser mais preciso, mas alguém poderia apreender o duplo significado de *agio* (análogo ao dobro sentido de *sacer*), sujo como também sagrado. Mas é sobretudo o termo escatologia (a ciência do excremento) que retém na presente circunstância (a especialização do sagrado) um incontestável valor expressivo como o duplo de um termo abstrato como a heterologia.*” (BATAILLE, 1985, p.102, grifos do autor).

⁶ “*Contra isso, uma sociedade heterogênea, ou mais especificamente uma sociedade que levou em consideração o heterogêneo e não tentou reduzir a si mesma na homogeneidade, foi baseada sobre estruturas flexíveis em participação e cooperação na qual não reduziu forçosamente a população às suas funções sociais, mas permitiu suas funções sociais crescerem organicamente a partir de suas próprias inclinações sociais. Homogeneidade é então o caminho para a desintegração social.*” (RICHARDSON, 2005, p.35-36, grifos nossos).

exemplos ressaltados pelo autor francês a respeito da categoria de heterogêneo são o *mana* – enquanto uma força misteriosa que reis e feiticeiros possuem - e o *tabu* – que representa a proibição do contato desses objetos e/ou indivíduos como cadáveres e mulheres durante o período menstrual - provenientes da sociologia da religião e que designam a esfera do sagrado. Além disso, Bataille resalta os dispêndios improdutivos da ordem dos excrementos, lixos e vermes, partes do corpo, pessoas, linguagem ou atos com respectivo valor erótico, sonhos, neuroses, as massas, classes guerreiras, aristocráticas e miseráveis. Sendo assim, os elementos heterogêneos provocam inúmeros tipos de reações nas pessoas – seja atração ou repulsa, bem como a violência, o delírio e a loucura que rompem a homogeneidade social. Outrossim, a realidade heterogênea é um tipo de descarga impactante da ordem da força ou choque no indivíduo, além de estar diretamente atrelada a uma existência “*totalmente outra*” (BATAILLE, 2021, p.243 e ss., grifos do autor).⁷

Dito isso, deve-se atentar para o movimento do pensamento de Bataille em prol do heterogêneo que não é solidário à categoria da utilidade que permeia não apenas o campo da mercadoria, mas também uma visão de mundo que fundamenta nossas ações no capitalismo tardio. É dentro desse tipo de fenômeno que, de acordo com o autor francês, não apenas a Psicologia Social deve se atentar, mas todo o campo da ciência (BATAILLE, 2021, p.242). Sendo assim, o pensamento de Bataille tem como fim último atingir a liberdade a partir das experiências intersubjetivas que são relegadas a todos os seres humanos e que foram ignoradas pelo campo científico enquanto heterogeneidade.⁸ Nesse campo, descobriremos que a própria impossibilidade é o cerne da heterogeneidade que nos constitui não apenas como humanos, mas seres que buscam incessantemente o limite da experiência enquanto movimento em direção do sagrado (BATAILLE, 2017b, p.103). Dessa maneira, o sagrado é, para o autor francês, o aspecto unificador da sociedade que fundamenta as relações sociais e uma ótica sacrificial a qual consagra os valores do coletivo e independe da utilidade. É nesse aspecto do sagrado enquanto heterogêneo que Bataille se atentará, uma vez que o mesmo tenta compreender não apenas através de uma experiência interior como o alvo a ser atingido,

⁷ Apenas um adendo: o líder fascista também é considerado um tipo de manifestação heterogênea por ser “completamente outro” em relação aos sociais democratas nas democracias liberais. No entanto, Bataille não endossa os fascistas ao relacioná-los a uma espécie de heterogêneo soberano. Cabe apenas ressaltar que as especificações dessa manifestação do heterogêneo e desses líderes fascistas fogem ao interesse do presente trabalho. Para compreensão dessa temática, recomendo Araújo (2021).

⁸ “Se nós não lermos Bataille como um pensador da liberdade, então nós não o leremos de forma alguma. Ele tem de ser lido entre os gestos de rejeição e apropriação para a heterogeneidade de seus escritos e a heterogeneidade que ele expõe no trabalho para ser descoberto em todos os escritos. (...) O objetivo de Bataille é expor em todos os escritos à violenta excitação do heterogêneo e, então, forçar-nos a confrontar a impossibilidade no coração do pensamento.”(NOYS, 2000, p.05).

mas inclusive de que forma a nossa sociedade se estrutura mediante dispêndios improdutivos sacrificiais que sempre estão relacionados com um anti-utilitarismo que extrapola os limites da racionalidade e estrutura a nossa sociedade.⁹ Outrossim, essa perspectiva do sacrifício é fundamentada a partir de uma lógica de negação da morte, ao mesmo tempo que essa última revela o sentido do ato sacrificial. É partindo dessas reflexões de ordem sociopsicológica que a dádiva conceitualizada por Marcel Mauss entra em cena, uma vez que a dádiva enquanto sistema de trocas das sociedades primitivas é o que de certa forma estrutura o corpo social enquanto fenômeno heterogêneo avesso a acumulação presente nas sociedades de modelo capitalista.

2. A dádiva de Marcel Mauss

Em 1925, Marcel Mauss publicou o *Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas* que tinha como objetivo circunscrever não apenas o papel que a dádiva - enquanto uma modalidade de troca -, possuiu nas sociedades primitivas, mas o que, primeiramente, **“faz que o presente recebido seja obrigatoriamente retribuído” e que tipo de “força existe na coisa dada que faz o donatário a retribua”** (MAUSS, 2018, p.211, grifos do autor). Isso significa dizer que o antropólogo tentou circunscrever primeiramente as obrigações que permeavam essas sociedades no momento da dádiva, bem como os respectivos elementos que constituem uma força que coage o donatário a retribuir o presente. Tais fenômenos permitem compreender como as trocas ocorreram nessas sociedades ditas arcaicas e, principalmente, como as alianças de todas as ordens eram constituídas.¹⁰ Nesse sentido é que podemos compreender a circunscrição e simplificação dessa esfera enquanto um “fato social total”, isto é, um tipo de fenômeno que contempla diversas instituições representantes das esferas religiosas, jurídicas, morais, econômicas e estéticas. Desse modo, o conceito de fato social total forjado por Mauss detinha o principal objetivo de fundir o social, o individual, o físico e o psíquico de cada indivíduo de forma a explicitar o modo de

⁹ É por isso que é possível afirmar que Bataille não é apenas um antifilósofo, mas um sociólogo que, a partir dessas experiências psicológicas de si mesmo, tende a fundamentar um pensamento a respeito do campo social de uma forma não sistemática. Como diz Richardson (2005, p.45, grifos meus), “o interesse de Bataille (...) é engajar com sua psiquê interior em uma forma de fazer a separação de seus seres menos aguda: *ele procura compreender os outros através do entendimento de si mesmo, de transpor suas descobertas internas em uma ampla investigação social. Seus métodos são muito diferentes: a exploração de Bataille da experiência interior é uma forma completamente não sistemática*”.

¹⁰ “Ora, o argumento central do *Ensaio* é de que a dádiva produz a aliança, tanto as alianças matrimoniais como as políticas (trocas entre chefes ou diferentes camadas sociais), religiosas (como nos sacrifícios, entendidos como um modo de relacionamento com os deuses), econômicas, jurídicas e diplomáticas (incluindo-se aqui as relações sociais de hospitalidade).” (LANNA, 2000, p.175)

funcionamento de uma determinada cultura. Sendo assim, essa complementaridade entre essas categorias é dinâmica no sentido de serem determinadas por elementos de significação que são formas de verificação dos diferentes modos de existir (LÉVI-STRAUSS, 2018, p.24). É a partir desse conceito de fato social total que a ideia de dádiva será conceitualizada e compreendida, uma vez que dentro das investigações de Mauss ela é considerada a principal forma de constituição de laços em todos os níveis.

Essas alianças eram então fundamentadas por uma dívida, que, de acordo com Mauss, é o que sustenta as dádivas voluntárias e as suas devoluções obrigatórias a partir de um *sistema das prestações totais*. De acordo com o antropólogo francês, tribos que eram regidas por esse sistema são as dos Tlingit, os Haida, dos Tsimshian e dos Kwakiutl do noroeste estadunidense, as quais, durante o período de todo inverno passam festejando ininterruptamente através de banquetes, feiras e mercados. Esse tipo de fenômeno se chama *potlatch*, o qual se caracteriza principalmente pela honra, prestígio e o *mana* que a riqueza fornece, bem como a obrigação absoluta de retribuição de todas as dádivas sob pena de perder esse *mana*, isto é, essa autoridade e força mística proveniente da riqueza (MAUSS, 2018, p.217). O *potlatch* ocorre, em sua primeira manifestação, a partir das dádivas que distribuíam bens para outras linhagens com o objetivo de estabelecer laços sociais e jurídicos entre os mesmos. Dessa forma, a dádiva teria um sistema de prestações totais que possui, em seu interior, um gesto socialmente espontâneo que possui uma solidariedade imanente a qual o doador obriga a si mesmo a retribuir sempre que possível (GODBOUT, 1998, p.47).

A outra modalidade de *potlatch* é a constituição de uma rivalidade entre os nobres dessas tribos que possuem, inclusive, o objetivo de despender o máximo possível de seus bens. Nesse sentido, os nobres dessas sociedades deveriam, no *potlatch*, destruir toda a riqueza que tinham com o objetivo não apenas de manter essa autoridade, mas sim de demonstrar quem era o mais generoso de todos para se elevar na hierarquia social. Esse tipo de fenômeno é, na visão de Bataille, de ordem totalmente supra-econômica, uma vez que nele não se hesita em destruir valores consideráveis e dar o máximo possível a todos enquanto um ato glorioso e símbolo da liberdade a partir da solidariedade espontânea de sacrificar seus bens. Por outro lado, ele é ao mesmo tempo submetido à lógica dos meios e fins, uma vez que os detentores da riqueza nessas sociedades se utilizavam do dispêndio para subir nessa hierarquia social, constituindo, por isso, uma aporia no interior do *potlatch* (HAMANO, 2003, p.66). Desse modo, essa forma de *potlatch* é uma rivalidade entre os nobres em prol da destruição de sua riqueza, da resolução de conflitos e da constituição do contrato social pelas sociedades arcaicas a partir desse dispêndio. Se isso estiver correto, significa dizer que o

potlatch é diretamente ligado à função socio-simbólica do sacrifício em prol da autoridade dos nobres (LANNA, 2000, p.184). Nesse aspecto, é então o dispêndio responsável por estruturar os laços jurídicos e sociais para substituir a guerra entre as linhagens. Nas palavras do próprio Mauss (2018, p.215, grifos do autor), isso significa dizer que esse fenômeno é uma “*prestação total de tipo agonístico*” de ordem sacrificial (não apenas de bens unicamente, mas também de escravos, por exemplo).

3. O dispêndio improdutivo

Atento a essa concepção da dádiva ressaltada por Mauss, é por meio de uma crítica imanente ao capitalismo enquanto sistema socioeconômico que se baseia na lógica utilitária e homogeneizadora que Bataille percebe outra forma de troca que, a princípio, se opõe a esse sistema que tem por objetivo primordial o acúmulo de bens. Nesse aspecto, ele compreendeu que as sociedades arcaicas estão fundamentadas socialmente e juridicamente mediante um princípio de perda, podendo-se afirmar que há um desejo sacrificial e de destruição que sustenta essas relações no *potlatch* completamente oposta ao capitalismo.¹¹ Isso porque, ao se utilizar do aparato teórico da Psicanálise Freudiana, o mesmo afirma que essa perda, inconscientemente, “simboliza a excreção, que por sua vez está ligada à morte, conforme a conexão entre erotismo anal e do sadismo” (BATAILLE, 2014^a, p.25).¹² Essas excreções são, propriamente, o heterogêneo que o autor francês tanto insiste enquanto uma herança arcaica fundamental da dádiva. É no interior desse processo que percebemos a violência intrínseca ao pensamento de Bataille, sendo o caráter sacrificial do objeto proveniente dela que sistematiza e organiza toda a lógica das trocas das sociedades primitivas enquanto um excedente que deve

¹¹ “As ofertas, a indústria, o capital, a acumulação, são o contrário do sacrifício: a burguesia encarna em seus caracteres essa necessidade de eliminação do dispêndio, um burguês traduz em seu apagamento, em sua monotonia da existência, a vontade sorradeira de escapar do sacrifício.” (BATAILLE, 1976, p.211)

¹² É preciso ressaltar aqui que essa relação entre esse ato sacrificial e erotismo anal aparece na Psicanálise de forma que o dinheiro é visto como algo não apenas relacionado a sujeira, mas também como uma relação íntima entre aquilo que é mais desejável e ao mesmo tempo é mais desprezível. Essa perspectiva remonta a defecação do bebê e seu dilema entre uma satisfação autoerótica e um sacrifício desse objeto em prol do amor da mãe. Nesse caso, os dois significados iniciais derivados desse erotismo anal e que o substituirão nas fases decorrentes do desenvolvimento são o presente e, em seguida, o dinheiro. Dito isso, é fato de que a nossa cultura é fundada moralmente e educativamente a partir da exclusão e eliminação dos excrementos em prol não apenas da limpeza e higiene, mas principalmente de um nojo deles que é construído a partir da nossa educação. O que permaneceu, desde os primórdios até os tempos atuais, é que os presentes e o dinheiro são primordiais na nossa civilização para fundamentar laços sociais, jurídicos, morais e econômicos. Por fim, isso só foi possível mediante a adoção da postura ereta do ser humano e, conseqüentemente, a desvalorização dos estímulos olfativos e preponderância dos estímulos visuais com o objetivo da constituição da família e da nossa cultura (FREUD, 2010, p.258; 2015, p.356; 2020; 349-350).

necessariamente ser despendido em prol do funcionamento do sistema. Esses sacrifícios, que ocorrem no interior das dádivas e da eliminação de riqueza por meio da desvinculação dos bens enquanto processo de gasto ao invés de acumulação, são a manifestação máxima desse direcionamento que Bataille fornece a respeito do sagrado. É nesse sentido que a compreensão da dádiva como uma perda e destruição parcial aponta, pois nessa interpretação fica claro não apenas como elas possuem o caráter mortífero e sacrificial dos bens, mas também que o donatário possui esse desejo de destruição dos mesmos enquanto uma estética da inutilidade.

No entanto, ainda não explicitamos propriamente o que Bataille compreende por dispêndio. Apenas para recapitular, ressaltamos que a antifilosofia da heterologia é o que fundamenta todo o pensamento sociopsicológico de Bataille como forma de se opor ao processo de “desencantamento do mundo” enquanto movimento que torna tudo útil e quantificável (WEBER, 2004), ao mesmo tempo em que fizemos considerações a respeito do *potlatch* das sociedades primitivas teorizadas por Marcel Mauss no seu *Ensaio* e o princípio de perda que Bataille ressalta na sua interpretação dessa obra antropológica. Além disso, ressaltamos que a dádiva e sua característica sacrificial dos objetos cedíveis é, de acordo com Bataille em seu empréstimo da Psicanálise Freudiana, uma herança do caráter anal enquanto excrementos expelidos pela criança para criar laços sociais com seus pais em troca de amor. Isso sugeriria uma dinâmica de trocas que influenciou tanto a dádiva quanto as trocas nas sociedades capitalistas do mundo contemporâneo.

Dito isso, o que é o dispêndio e o que Bataille procura compreender com ele em seu texto de 1933? Para isso, é necessário perceber que o prazer é cooptado em prol da atividade social produtiva, ou seja, que o capitalismo funciona a partir dessa instrumentalização e renúncia do prazer humano para produzir cada vez mais mercadorias. Sendo assim, isso quer dizer que o sistema socioeconômico que vivemos está diretamente atrelado a uma lógica que torna o mundo homogêneo à mercadoria, ao mesmo tempo em que tende à acumulação e consumação de todos esses produtos produzidos em escala industrial. No entanto, é preciso comentar que a atividade humana não pode ser totalmente redutível unicamente aos processos de produção, mas principalmente fundamentada pelo seu avesso: uma consumação de ordem sacrificial.¹³ Essa consumação é, enquanto dispêndio, separado pelo autor em duas possíveis

¹³ “O que importa é passar de uma ordem duradoura, em que todo o consumo dos recursos está subordinado à necessidade de durar, para a violência de um consumo incondicional; o que importa é sair de um mundo de coisas reais, cuja realidade decorre de uma operação a longo prazo e nunca no instante – de um mundo que cria e conserva (que cria em proveito de uma realidade duradoura). O sacrifício é a antítese da produção, feita com vistas ao futuro, é o consumo que só tem interesse para o próprio instante. É nesse sentido que ele é dádiva e abandono, mas aquilo que é dado não pode ser um objeto de conservação para o donatário: a

categorias, na qual a primeira diz respeito propriamente ao consumo do mínimo necessário com o objetivo de conservação da vida e à devida continuidade da produção. Em segundo lugar, temos os dispêndios improdutivos relacionados ao luxo, guerras, construções de monumentos, artes, atividade sexual desviada da finalidade genital, enterros, cultos, jogos e espetáculos. Todas essas atividades são concebidas como tendo um fim em si mesmas, fugindo do padrão homogêneo que o capitalismo insiste em tornar global. No entanto, o que Bataille percebe é o fato de que não é a produção e acumulação que fundamentam a atividade econômica, mas o consumo enquanto dispêndio improdutivo (2014^a, p.24). Sendo assim, o autor ressalta o fato de que no mundo contemporâneo a única classe que pode despende infinitamente é a elite econômica com o objetivo de reconhecimento e glória. A título de exemplo, um dispêndio improdutivo que ainda ocorre nos dias atuais diz respeito ao consumo exacerbado de joias.¹⁴

Porém, há uma diferença intrínseca entre o artigo dos anos trinta e *A parte maldita* no que diz respeito à maneira que Bataille compreende o dispêndio. Nessa segunda obra, Bataille explicita o dispêndio improdutivo como resultado de um princípio cósmico de energia que diferencia os limites de um sistema fechado da nossa biosfera e o excesso de energia solar que permanece além desses limites. Desse modo, percebemos que a oposição é entre o espaço limitado do planeta terra e o dispêndio ilimitado do sol ao invés da luta de classes entre burgueses e proletários ou entre acumulação e o *potlatch* (NOYS, 2000, p.111). Nesse aspecto, o sol representaria uma “dádiva sem retorno” que funciona como excesso espalhado pela superfície do globo terrestre, uma vez que não é possível absorver toda essa energia para crescimento do sistema – mas, nesse caso, deve despendê-la.¹⁵

Além disso, misturando antropologia, economia, sociologia e filosofia, Bataille tenta, em *A parte maldita*, fundamentar uma economia geral que tem em seu interior um gasto

dádiva de uma oferenda a faz passar para o mundo do consumo precipitado. (BATAILLE, 2017c, p.34, grifos nossos).

¹⁴ “O dispêndio improdutivo é o princípio da perda que é excluído pela sociedade moderna, mas que ainda vive dentro dela, revelado nos vestígios e resquícios dos grandes exercícios de gastos do passado e das sociedades ‘primitivas’. Bataille dá uma série de exemplos da sobrevivência de processos de suntuários dispêndios, por exemplo no fascínio contínuo que temos com joias. Esses itens funcionalmente inúteis, exceto decoração, acarretam enormes gastos tanto na sua recuperação da terra e na sua venda. Para Bataille eles têm a profundo significado inconsciente de ‘matéria amaldiçoada que flui de uma ferida’ (VE, 119; BR, 170). Jóias, especialmente os grandes diamantes, são muitas vezes rumores de serem amaldiçoados ou possuídos de um poder maligno para excitar a ganância e a violência.” (NOYS, 2000, p.107).

¹⁵ Como afirma Bataille (2014b, p.45, grifos nossos): **“Partirei de um fato elementar: o organismo vivo, na situação determinada pelos jogos da energia na superfície do globo, recebe em princípio mais energia do que é necessário para a manutenção da vida: a energia (a riqueza) excedente pode ser utilizada para o crescimento de um sistema (de um organismo, por exemplo); se o sistema não pode mais crescer, ou se o excedente não pode ser inteiramente absorvido em seu crescimento, é preciso necessariamente perdê-lo sem lucro, despende-lo, de boa vontade ou não, gloriosamente ou de modo catastrófico.”**

excessivo e que foi, em partes, corrompido pelo princípio da utilidade que tanto o autor francês insiste em criticar. Desse modo, a nossa economia está diretamente assombrada pela ideia de que o improdutivo se torne produtivo e vice-versa. São essas transformações incessantes que seriam um direcionamento que tende a se realizar e aponta para uma economia que se baseasse no dispêndio improdutivo ao invés do princípio utilitário. Isso possibilitaria a expansão de limites e novas possibilidades enquanto um processo de “desterritorialização” (DELEUZE; GUATTARI, 2010).¹⁶

Por outro lado, esse processo de expansão ininterrupta de limites proveniente de gastos excessivos pode indicar, de certa forma, um modelo ético e de crítica ecológica no interior do projeto de Bataille de *A parte maldita*. Isso porque a forma com que o autor em questão explicita os dispêndios possíveis são tanto da ordem da extrema militarização e riscos de guerra nucleares em escala mundial, como também de dispêndios que poderiam garantir a união e sobrevivência da nossa sociedade enquanto sagrado. Nesse sentido, essa ética intrínseca ao modelo econômico diria respeito especificamente às duas possibilidades de lidar com esses limites: ou ignoramos os limites morais e terrestres que uma economia estrita nos apresenta enquanto modos de expansão (como o Islã exemplificado por Bataille) e da utilidade (produção ininterrupta de mercadorias, autodefesa das nações, expansão de territórios, genocídios e destruição mútua assegurada) – resultando automaticamente na nossa autodissolução e extinção da vida humana; ou reconhecemos todos os limites morais e terrestres que o capitalismo ignora e afirmamos os dispêndios improdutivos em prol da unificação do corpo social em uma economia restrita (como, por exemplo, as artes, jogos, esportes e a arquitetura). A primeira opção, nesse sentido, afirma o narcisismo do ser humano enquanto crescimento ilimitado, afirmação do capitalismo e destruição do planeta terra por meio do aquecimento global; enquanto a segunda opção se trata da afirmação do prazer, da glória, do ritual e da angústia com relação a morte (STOEKL; SHANNON, 2007, p.264). Sendo assim, é preciso, em última instância, ressignificar o que é considerado como riqueza com o objetivo de reestruturar nossa dinâmica social em prol do dispêndio improdutivo e que

¹⁶ “Eu penso que Bataille primeiro desejou a transformação de um tipo de economia a outro. O sol figura em seu desejo como o impossível local de economia pura, impossível de existir ou de observar diretamente sob os seres humanos. A impossibilidade de sustentar essa posição é, eu penso, reconhecimento de Bataille da impossibilidade da economia geral como uma economia pura. Isso não pode ser um outro tipo de economia baseado no sol, mas é o Outro da economia. Então, enquanto Bataille deseja economia geral como pura ‘dádiva sem retorno’, como fonte e término da parte maldita, ele também tem um pensamento diferente de economia geral como uma força transformadora. *Economia geral não seria mais um lugar a ser ocupado fora da economia restrita, mas um efeito fugaz e efervescente da turbulência rodopiante de energia fluindo que constantemente fura limites, criando aberturas e novos limites.*” (NOYS, 2000, p.115, grifos do autor).

respeite os limites do globo terrestre ao invés de uma lógica de acumulação de mercadorias que ignora esses limites (BATAILLE, 2014b, p.115).

Como vimos, a principal diferença entre as sociedades arcaicas e o capitalismo contemporâneo se trata não apenas da homogeneização do mundo através do princípio de utilidade, mas também a retirada de toda a glória e reconhecimento a partir do sacrifício que transforma os objetos em algo da esfera do sagrado. De acordo com Bataille, estaríamos relegados então a uma lógica utilitária da vida cotidiana em conjunto com dispêndios improdutivos enquanto um processo de consumação irracional do capital. No entanto, de acordo com esse projeto ético que explicitamos, o principal objetivo, na concepção batailliana, seria de afirmar os dispêndios improdutivos que respeitam os limites do globo terrestre dentro de uma economia restrita. Nesse sentido, não haveria possibilidade de sobrevivência dos seres humanos se insistirmos nos dispêndios relegados a uma lógica utilitária.

4. Possíveis críticas e conclusões

Dito isso, o que percebemos a leitura atenta do autor francês é que o ato da dádiva possui em seu interior uma utilidade ao nos atentarmos no fato de que a mesma se torna um poder: quanto mais o sujeito dá, mais ele adquire poder enquanto efeito de sua generosidade (BATAILLE, 2014b, p.79). Esse poder adquirido é então diretamente atrelado a uma superioridade e a glória que ela produz no interior da sociedade. *Por mais que o escritor francês afirme relutantemente que esse movimento está necessariamente além de qualquer cálculo, o que percebemos é que essa generosidade não é desprovida de interesses.* Isso porque a dádiva é, ao mesmo tempo e paradoxalmente, **“obrigada e livre, interessada e desinteressada”** (CAILLÉ, 1998, n.p., grifos do autor). Há nela um gesto de solidariedade espontânea, uma obrigação inerente para a retribuição da dádiva, bem como um interesse intrínseco de reconhecimento e glória para elevar na hierarquia social e o a busca pelo dispêndio improdutivo em si mesmo. São todos esses fatores que demonstram a verdadeira aporia no interior das dádivas das sociedades primitivas, como dissemos anteriormente.

Além disso, Bataille tenta derivar uma antropologia religiosa e política a respeito do capital a partir do conceito de dispêndio, mas na verdade erra o alvo da utilidade a partir do momento em que esse conceito continua sendo muito econômico e a dádiva unilateral que ele tenta teorizar nunca existiu (BAUDRILLARD, 2013, p.47-48). Na primeira crítica que

levantamos, é preciso ressaltar que mesmo no interior das tribos estudadas por Mauss em seu *Ensaio* havia determinados indivíduos que eram nobres e que, ao mesmo tempo, desejavam mais poder e glória enquanto uma posição na hierarquia social. De outro lado, a carga econômica que Baudrillard comenta é apreciada por Bataille de forma exaustiva em *A parte maldita* enquanto princípio metafísico que permeia a lógica de trocas econômicas no capitalismo, mas a separação entre o metafísico e o aspecto econômico não é explícita. Por fim, poderíamos criticar Bataille ao nos darmos conta que, de acordo com Mauss, a parte essencial de seu ensaio não era compreender como essa dádiva se iniciava, mas o que propriamente obrigava os outros a retornar esses bens dados – não existindo uma dádiva unilateral.

Como comentamos, se a dádiva unilateral nunca existiu, seria possível afirmar que esse gasto irracional é apenas considerado um dispêndio quando não há retorno? Se isso estiver correto, a transição do modelo de troca da dádiva para o modelo da mercadoria no capitalismo seria problemática por falhar na leitura de Mauss feita por Bataille. Não seria possível elencar essas duas etapas por não termos propriamente constituído uma dádiva completa no capitalismo. Sendo assim, o edifício teórico do dispêndio irracional estaria desabando, tornando o ensaio de economia geral como *A parte maldita* problemático do ponto de vista da teoria de Mauss. Não há, no capitalismo, um sistema de trocas constituído de tal forma que não esteja submetido ao princípio de utilidade, da mesma forma que a dádiva nas sociedades arcaicas possui também, intrinsecamente, um princípio de utilidade como já demonstramos. Dito isso, por mais que Bataille exemplifique o sol como uma estrela que funciona como uma espécie infinita de dádiva energética unilateral, o que percebemos, baseando-nos na teoria mausseana, é que não há possibilidade de isso ocorrer dentro dos nossos laços sociais, tornando a metáfora solar sem aplicabilidade.

Outra crítica possível é a respeito da abundante e excessiva energia solar que permeia o ensaio de economia geral. Como comentamos, Bataille sustenta a tese que todos os seres precisam de mais energia do que o necessário para sua sobrevivência. Essa energia em excesso deve ser despendida em prol não apenas para a vida continuar existindo, mas também permitir o funcionamento de toda a nossa biosfera terrestre. No entanto, o que se pode criticar em Bataille é o fato de que, primeiro, não apenas esse excesso é sempre garantido pela energia solar, mas também que a história da civilização humana, através do seu dispêndio consciente, é baseada na “habilidade de utilizar fontes de energia altamente concentradas que tem feito o progresso da sociedade possível” (STOEKL; SHANNON, 2007, p.256). Se nos basearmos no período do capitalismo do período da Revolução Francesa em diante,

perceberemos que a produção incessante de mercadorias ganhou uma escala industrial como nunca se tinha visto antes. Esse tipo de fenômeno pode indicar que a energia excessiva foi redirecionada em prol do desenvolvimento do nosso modelo socioeconômico e o respectivo consumo que sustenta nossas vidas. Nesse aspecto, a utilização de combustíveis fósseis foram os principais componentes que, através de uma enorme concentração dessas fontes presentes no interior do globo terrestre, puderam conduzir um ganho de produtividade através do trabalho humano, aumento e refinamento da tecnologia para produção de mercadorias e, por último, o dispêndio monumental de energia a partir das fontes de energia naturais (principalmente o carvão e o petróleo) em prol do desenvolvimento do capitalismo. Sendo assim, pudemos perceber que o acúmulo de energia está diretamente atrelado ao crescimento da sociedade que nós conhecemos, estando ela diretamente atrelada ao tipo de combustível que utilizamos.

Por outro lado, Bataille ignorou o fato de que nem toda energia é renovável. É claro que dentro de uma perspectiva humana na qual habitamos um planeta que depende da energia solar é evidente que tal energia estará sempre em excesso e é renovável, mas os combustíveis fósseis são os responsáveis pela verdadeira conservação de energia que os seres humanos podem utilizar mais facilmente em prol da civilização. Além disso, além de Bataille não perceber que tais combustíveis são responsáveis pelo desenvolvimento da mesma, o autor de *A parte maldita* não se deu conta que tais combustíveis podem ser esgotados – uma vez que eles não são fontes de energia renováveis. Nesse sentido, é possível afirmar que “se Bataille não se preocupa com custo energético e esgotamento, ele não precisa se preocupar com conservação energética” (STOEKL; SHANNON, 2007, p.257). Sem uma teoria do esgotamento, Bataille ignora todas as diferentes possibilidades de acúmulo e gasto energético, ao mesmo tempo em que não menciona o trabalho e a riqueza como algo proveniente da utilização da energia. Dito isso, temos então uma energia, na perspectiva de Bataille, que é sempre reproduzida por meio de um excesso, fazendo então com que o dispêndio e sua respectiva forma de ser gasta fossem a única pergunta possível dentro de uma biosfera que supostamente possui apenas fontes de energia infinitas.

Concluindo, percebemos que o projeto crítico de Bataille através do conceito de dispêndio, apesar de suas críticas e inconsistências, possui como foco o modelo de sociedade do consumo. Ou seja, que o direcionamento que o autor francês fornece teoricamente é em prol da unidade social e, ao mesmo tempo, uma ética intrínseca ao escopo teórico do dispêndio improdutivo em relação ao sagrado. Como dissemos, o dispêndio improdutivo tem duas vias possíveis que podem ou destruir o planeta em que vivemos, ou retroalimentar o

funcionamento da biosfera através de uma economia fechada e priorizando a preservação ecológica e social. Sendo assim, o que é significativo para Bataille é o elemento determinante do campo social que deve obrigatoriamente responder aos desafios ecológicos dos nossos tempos e buscar reutilizar a categoria do limite não apenas como um ponto a ser transgredido, mas uma interdição que reduz a produção de mercadorias e o expansionismo territorial do capitalismo que, em termos marxianos, se manifesta enquanto acumulação primitiva do capital (MARX, 2015). Por mais que seja paradoxal, a categoria do dispêndio enquanto excesso pode ser utilizada como ferramenta de crítica social para pensar outro modelo de sociedade que, por mais que também se baseie no gasto, respeita os limites da biosfera por meio da transição energética das nossas sociedades e de manifestações do sagrado, como exemplificamos. Porém, o futuro é imprevisível e a necessidade de interromper esse ciclo do consumo excessivo é algo que vai contra os limites da biosfera, limitando obrigatoriamente as perspectivas de um modelo de sociedade capitalista que se baseia no dispêndio sem limites. Porém, por mais que a causa seja urgente, quem poderá prever esse desenlace?

Referências

- ARAÚJO, Pedro Antônio Gregório de. **A revolta contra a utilidade**: a improdutividade em suas diversas facetas na obra de Georges Bataille. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2021.
- ARAÚJO, Pedro Antônio Gregório de. **Antifascismo acefálico**: a conceituação psicológica do fascismo por Georges Bataille. **Revista Opinião Filosófica**, v. 12, n. 2, p. 1–26, 2021b.
- BATAILLE, G. La limite de l'utile (fragments). **Oeuvres Complètes**, v. 7, p. 181–280, 1976.
- BATAILLE, G. **Visions of excess: selected writings, 1927-1939**. U of Minnesota Press, 1985. v. 14.
- BATAILLE, G. A noção de dispêndio. In: **A parte maldita**. Precedida de "A noção de dispêndio". São Paulo: Autêntica, 2014a. v. 1. p. 19–33.
- BATAILLE, G. "A parte maldita". In: **A parte maldita**. Precedida de "A noção de dispêndio". São Paulo: Autêntica, 2014b. v. 1. p. 36–167.
- BATAILLE, G. Sobre Nietzsche: vontade de chance. In: **Sobre Nietzsche: vontade de chance**. Seguido de "Memorandum", "A risada de Nietzsche", "Discussão sobre o pecado", "Zaratustra e o encantamento do jogo". São Paulo: Autêntica, 2017a. p. 16–180.

- BATAILLE, G. O culpado. In: **O Culpado**. Seguido de “A aleluia”. São Paulo: Autêntica, 2017b. p. 15–138.
- BATAILLE, G. **Teoria da Religião**: seguida de “Esquema de uma história das religiões”. São Paulo: Autêntica, 2017c.
- BATAILLE, G. “A estrutura psicológica do fascismo”. **Remate de Males**, v. 41, n. 1, p. 238-267, 2021.
- BAUDRILLARD, J.; KENDALL, S. “When Bataille attacked the metaphysical principle of economy”. **Scapegoat: architecture landscape political economy: Excess**, v. 05, p. 45–49, 2013.
- BRETON, A. **Manifestes du surréalisme**. Paris: Gallimard, 1957.
- CAILLÉ, A. Nem holismo nem individualismo metodológicos: Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 13, p. 5–38, 1998.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Editora 34.
- FREUD, S. “Sobre Transformações dos Instintos, em particular no Erotismo Anal”. In: **História de uma neurose infantil: (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 14p. 252–262.
- FREUD, S. “Caráter e Erotismo Anal”. In: **Obras Completas: O delírio e os sonhos na Gradiva/Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- FREUD, S. O Mal-Estar na Cultura. In: **Cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos**. São Paulo: Autêntica Editora, 2020. p. 305-410.
- GODBOUT, J. T. “Introdução à dádiva”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 13, p. 39–52, 1998.
- HAMANO, K. “Georges Bataille: la perte, le don et l’écriture”. **Ecritures Dijon**, 2003.
- LANNA, M. “Nota sobre Marcel Mauss e o ensaio sobre a dádiva”. **Revista de Sociologia e Política**, p. 173–194, 2000.
- LÉVI-STRAUSS, C. “Introdução à obra de Marcel Mauss”. In: **Sociologia e Antropologia**. Marcel Mauss ed. São Paulo: Ubu Editora, 2018. p. 8–49.
- MARX, K. **O Capital - Livro 1: Crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.
- MAUSS, M. “Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Ubu Editora, 2018. p. 208-306.
- NOYS, B. **Georges Bataille: a critical introduction**. Pluto Press, 2000.
- RICHARDSON, M. **Georges Bataille**. Routledge, 2005.

STOEKL, A.; SHANNON, W. Excess and depletion: Bataille's surprisingly ethical model of expenditure. Em: **Reading Bataille now**. University of Indiana Press Bloomington, IN, 2007. p. 252–282.

WEBER, MAX. **Ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Data de submissão: 14/01/2023

Data: aprovação: 30/05/2023